

LÁPIDE PARA UM HERÓI MANUSCRITO

Fernando Aquino Martins¹

No re-quadro onça-cavalo — por sorte emoldurada por um admirador estrangeiro — a lenda da metamorfose de um ente mutilado, uma contradição, uma vida, uma morte, um Estado, um tal Púrpuro Cabeto: astuto, vadio e maltratado. Um *cowboy* fora de hora e lugar. Um *cowboy* que caminha numa descontração tediosa...

Embainha o 3oitão pensando estar no faroeste. Agita a pingola depois de mijar no mato e segreda meio cuspe pelo aberto dos dentes. A estrada nua e deserta traz a sensação das pradarias norte-americanas, coisa que vira em filmes de faroeste. Temendo qualquer perseguição pré-pisa com forte compostura no chão empoeirado para ouvir os tilingues de sua espora improvisada. O dia é daquele sol vadio, no pino do almoço, onde a segura faz enfrentamento com o mormaço.

(Segue viagem)

Descontente e cabisbaixo, Cabeto, já demonstra um leve vacilo de pernas. Num lance de mãos aperta firme o chapéu de plástico na cabeça. Escuta, num repente, um tropel de cachorrinho vindo detrás. Rodopia sacando o 38. Aponta mira para qualquer alvo com a arma encostada no nariz. Com um certo medo, tampa um ouvido e dispara para o alto. O tiro ecoa cerrado adentro e faz da paisagem monocromática um complemento de suas vestimentas. O movimento dos caminhões-gaiola marca o início de uma cidade manuscrita. Por ali anda-se craquelando as botinas nos cascalhos tingidos de bosta de vaca. O cavalo refuga os interesses da lei. O homem a desafia.

¹Graduado em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília – UnB (2008). Pesquisador em arte e tecnologia pelo CNPq (iniciação científica), mais especificamente em web-arte e vídeo-arte. www.macacaoapicultor.blogspot.com | e-mail: tucanofulano@gmail.com

Púrpuro Cabeto em sua completude: um anacrônico chapéu texano de plástico rosa, camisa verde-laranja xadrez, dois cigarros de palha no bolso esquerdo; tríptico de broches com imagem do congado: corte do Seu'Altamirão. Uma caixa de fósforos, alguns palitos, calça colorida — vermelha — tufiada na bunda, remendo verde limão... revólver calibre 38 enfiado na bainha do canivete — fazendo vezes de coldre — e uma mãozada de perfume doce na nuca. Ramo de aroeira grudado na botina, carteira de trabalho assinada, esporas feitas de tampinhas de garrafa. Duas asinhas cor-de-rosa — uma em cada cotovelo — para ajustar pontaria. Vinganças a resolver, balas no tambor, nenhuma esperança na agulha. Vida, esquecimento e único desejo: faiscar-se *cowboy*, um devir sertanejo!

Bang! Bang! Bang! O revólver até que alterou seu estado de ser para si. Pensa, à sua maneira, no rasgo de subversão do seu revólver enquanto testa a pontaria numa placa de trânsito. Cabeto perdeu, sem explicação alguma, um pedaço de bolo de fubá, recém saído do forno, recém cortado. Comia ele, em exagerada ganância, quando trepidou um sacolejo em sua cabacinha, fazendo-o enlouquecer na sanidade de outro alguém. Foi como que uma faísca na dinamite, que pouco teve tempo de agarrar a justiça que há em si. Achou Cabeto a personalidade púrpura de um xerife-bandido, assumindo assim os ditames da lei, ou as delineações de um personagem sertanejo numa paisagem errante. Em sua loucura de onça pensava fazer parte de um filme de *cowboy*. Estava Púrpuro Cabeto em permanente confronto com uma justiça concluída...

(Mais tarde...)

A rua da cidade parece pequena para tanta velocidade. Traz, com autonomia atlética, a rédea para bem perto do peitoral; solavanco o cabresto roga pelo trote aflitivo; numa esgoelada o antebraço aperta a barrigueira; noutra regaço ajunta o corpo ao arreio. O motivo? Teste de montaria: a história acontece num específico da humanidade.

Apeou na porta do *saloon* da rua principal, amarrou o cavalo e entrou pela porta da frente. Bateu suas asinhas rosas. Ah, foi logo percebendo que naquele boteco havia algo de misterioso e fantasmagórico. Como se fosse uma mina de ouro assombrada por garimpeiros antigos; ou um *saloon* que semanalmente registra casos de desaparecimento de prostitutas; ou o rapto ágil e silencioso de todos os cavalos do estábulo do ferreiro *Joe*; talvez uma emboscada astuta no *Canyon*, bem às margens do rio colorado... devaneia pesado enquanto obriga a todos dançarem aos disparos do seu revólver.

Paciente, bate as asinhas rosas e pede uma cachaça. Altera tranqüilo seu estado de equilíbrio-xerife. A pinga bate forte enquanto se interessa pela constituição da rua principal, em seu calço. Dirige-se para fora do bar que nesta hora já se encontra vazio. O proprietário acionou a polícia que demora a chegar. É chacoalhar de ferros e bijuterias o andar de Cabeto. Em esplendor de onça-pavão agacha para ouvir o tropel astuto das sirenes. — *Danação, são os tiras!* — alisa as suas asinhas rosas pensando no que fazer. Não repara que, nas estreituras das casas, uns polícias armam uma arapuca ligeira. A onça roda sua arma no dedo indicador. Púrpuro Cabeto encara a situação como um desafio carvalho.

(Asa bate rosa)

Aos trotes cambiantes seu berro se faz em dois. Cabeto levou um tiro enquanto ladrão. Achando outra vez seu personagem-xerife, Púrpuro Cabeto não esconde sua indignação frente aos desmandos que acabara de ouvir. Avista uma diligência se aproximar e trepa em cima do ônibus 1903. A jardineira agora se encaminha para o rumo que o xerife exigir. O chão cruento e os cinco policiais mortos são resultados de bobagem: treler na púrpura garrucha é assinar uma sentença de morte.

O balançar do ônibus pouco incomoda um homem da lei no exercício de suas obrigações. — *Daí que essa multidão pouco enfrenta chumbo!* — refletiu. Ficou intrigado e orgulhoso com um

pensamento rápido e certo, que logo resolveu confessá-lo aos seus entes. Ajustou a goela, raspou a garganta e começou uma verborragia discursiva em que dizia que, caso não morresse agora, enfrentaria um extenso julgamento, tortura, prisão e tantas outras burocracias que saturariam a memória da população — *Ou seja, de vocês! E é isso que a justiça quer!* — a justiça serviria ali para manter o poder vigente, para dizer subliminarmente para o povo que o crime não compensa, e que o castigo para o assassinato em massa ou o roubo é mais severo que a morte. Isso era o básico de toda a lei. Preservar o poder vigente e fortalecer o sentimento de segurança da cidade punindo, com a burocracia, um pé-rapado.

Então, aos gonçalo-alves do tempo Púrpuro Cabeto faz um corte augusto no cachaço e destrói todo traço de humanidade contido naquele ônibus. Sua essência justa o faz estourar o peitoral de um passageiro esquentado e jogá-lo mundo afora como se fosse um boneco de pano. Olha pela janela e percebe sua montaria parada na porta do *saloon* da rua principal. — *Pare esse ônibus!* — aponta para a cabeça do maquinista.

(Rosa bate asa)

O ônibus pára numa rua estreita. Numa clara anistia de personagens o xerife resfulenga nas trilhas do descabido. A profissão de agora escreve a tua lenda, prediz a tua lei, a tal profissão de saqueador de trem. A condução parada na calçada de terra batida espera a tranqüilidade e experiência de um *comboy* em exercício de saque. — *Mãos na cabeça! Todos, devagar... devagar...* — fala tranqüilamente apontando com o três-oitão. Direto no estampido do ouvido Púrpuro Cabeto agarra um pensamento ondulante. Percebe que suas movimentações fugitivas são conseqüências de imaginação pura; converte à conclusão que sua existência pertence às dualidades do verdadeiro-falso; e que, às malhas do tempo, sempre será o mesmo: polícia, cangaceiro, topógrafo e ladrão...

A chuva principia forte e deixa o céu escuro. Parecia noite. Púrpuro Cabeto sai em galope pleno pelas fendas expostas da cidade, os espaços entre casas, as grandes janelas abertas, os desavisados na rua, lugares que até poderiam acolchoar um tropeiro qualquer, de passagem pela cidade, mas um cangaceiro-xerife ou um onça-pavão do porte de Cabeto enfrentaria sérias dificuldades para pedir qualquer auxílio. Isso porque agora levava todo o assalto no lombo do cavalo. O cavalo resmungava pelo peso e pela demora de definição, embora compreendesse bem a situação do parceiro...

(No mapa...)

Bateu as asinhas rosas e sacou as instrumentações necessárias para o bom andamento da profissão de topógrafo. A medição histórica de todo calçamento da cidade se deu naquela noite! Púrpuro Cabeto percorreu toda a cidadela para milimetrificar cada pedaço de chão sertanejo e organizar todo um relatório das especificações púrpuras e nítidas de um ambiente *cowboy*. Acreditava que a produção de mapas e metodologias científicas comprovariam ser ali o local exato das desventuras de um faroeste perdido.

Tudo estava em seu devido lugar: a maria-fumaça enferrujada, em exposição ao lado da prefeitura; os trilhos perdidos em meio a um matagal ou um curral qualquer; a ponte sobre o rio, que de lá se avistaria a torre da igreja matriz; a rua principal e seus *saloons* endiabrados; o xerife, o ranger e o assaltante de trem; as pradarias empoeiradas... mas faltava um *canyon*!

Durante toda a noite Púrpuro Cabeto esperou ansiosamente pela descoberta e mapeamento de um *canyon* espetacular. A insistência no fato fê-lo utilizar todas as maneiras possíveis e desconhecidas. Vestido de sua manta de rede pau-brasil fumegava com seu pito de palha cada resquício de buraco, lote, escavação ou profundidade, criada ou não, manipulada ou desfeita. A teta-de-carneiro-para-o-mês-de-março ajudava na procura das águas recônditas que poderiam transformar, no futuro, qualquer montanha em *canyon*. Cumbuca para dedos e

pequeníssimas partes do corpo estipulava o salvo-conduto para a sensibilidade púrpura de Cabeto, pois pernoitar nas ambiências do sertão exige muito mais do que uma boa visão. Potiche de Mantegna para mãos e pés, guarda-chuvisco-fólico e quadra-de-fato trazem somente uma parte do suor desesperado de um personagem único de uma cidade múltipla. Muito mais que um *comboy*, diferente de um viajante, talvez um côncavo... do sertão.

(D-end)

No re-quadro onça-cavalo — por corte emoldurada por um administrador forasteiro — a lenda da anamorfose de um ente multiplicado, uma condição, uma vinda, uma sorte, um achado, um tal Púrpuro Cabeto: perdido, valente e malfadado. Um herói que vai à forra e faz o lugar, um misto de onça-pavão que caminha a passadas largas pelo mundo da especulação mentirosa...